



A BÍBLIA SAGRADA NA AULA DE HISTÓRIA ***THE SACRED BIBLE IN HISTORY CLASS***

Alline de Assis Xavier Maia¹

RESUMO

O trabalho é fruto de parte de minha pesquisa de doutorado e tem por objetivo analisar como a Bíblia, livro sagrado para os cristãos, tem aparecido nas escolas brasileiras, principalmente por parte de alunos e seus responsáveis que, incentivados por discursos de líderes religiosos, aclamam a necessidade do livro como “construtor de verdades e moralidades”, devendo ser incentivado, muitas vezes até enquanto “conhecimento escolar”. Para a compreensão desse movimento, utilizo como exemplo um caso de controvérsia, ocorrido em minha experiência etnográfica nas aulas da disciplina de História, durante a observação de campo numa escola pública da rede estadual, localizada no segundo distrito de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Neopentecostalismo; Bíblia; Identidade.

ABSTRACT

The work is the result of part of my doctoral degree research and aims to analyze how the Bible, the sacred book for Christians, has appeared in Brazilian schools, mainly by students and their parents, encouraged by religious leaders' speeches, that exalt the necessity of the bible as a “builder of truths and moralities”, and as something that should be promoted often, even as “academic knowledge”. To better understand this movement, I apply as an example a case of controversy, which occurred in my ethnographic experience in History classes, during field observation at a public school, located in the second district of São Gonçalo, metropolitan region of Rio de Janeiro.

KEYWORDS

Neopentecostalism; Bible; Identity.

¹ Licenciatura plena em História pela Faculdade de Formação de Professores (2007). Mestre em História Social pelo PPGHS da UERJ (2010). Doutoranda pelo PPGS da UERJ. Professora de História da SEEDUC-RJ. Áreas de Interesse: Ensino de História, História da África, Antropologia e Educação, Religião e Identidade.



Introdução

Os últimos dados do IBGE apontaram para o crescimento dos evangélicos no território brasileiro.² A visibilidade do grupo se deu sobretudo na política, na qual mostrou o potencial do grupo nas votações presidenciais de 2018, que culminou na eleição do atual presidente Jair Bolsonaro, onde o candidato utilizou-se da Bíblia, por diversas vezes, em suas aparições públicas, para caracterizar-se como um “verdadeiro cristão”, uma vez que este livro é considerado sagrado para o grupo e muito mobilizado para combater o que consideram como “o mal” mesmo mediante a pluralidade de identidades que o termo “evangélico” venha englobar.

A intensificação da utilização e aclamação da Bíblia nos espaços públicos brasileiros, e no caso deste trabalho, sua mobilização dentro de uma instituição laica, uma escola estadual, sem caráter legal confessional, deve ser compreendida sob à luz de alguns pontos importantes que tem se configurado no cenário nacional nos últimos anos: 1- o aumento significativo dos evangélicos e as peculiaridades de construção desta identidade, configurando a necessidade de reconhecimento da mesma mediante outros grupos, uma vez que pode ser entendida como sinal de positividade ou pressupor um “bom caráter” dos indivíduos adeptos desse segmento religioso, principalmente nos territórios de favelas, tal como mostrou Vital da Cunha (2015, p.263) em sua etnografia; 2- a necessidade da Batalha Espiritual, que pautada na teologia do domínio, tende a caracterizar aqueles que seriam mais “fortes” dentro do grupo, uma vez que estão sempre de sentinela.

Em linhas gerais, os evangélicos brasileiros, com destaque para os neopentecostais³, investem na afirmação pública de alguns pontos que consideram fundamentais para que sejam reconhecidos socialmente, para além dos espaços físicos das igrejas, como a utilização do linguajar gramatical pentecostal e a utilização da

² Os dados do IBGE de 2010 apontaram para o grande crescimento do grupo, paralelo ao decréscimo dos católicos (VITAL DA CUNHA, 2015, p.37)

³ O termo Neopentecostalismo, ou a expressão Terceira Onda do Pentecostalismo, designam a terceira onda do movimento pentecostal. É um movimento dentro do cristianismo que surgiu em meados dos anos 1970 e 1980, algumas décadas após o movimento pentecostal do início do século XX, ocorrido em 1906. Dissidente do Evangelicalismo que congrega denominações oriundas do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, presbiteriana, metodistas, etc), o Neopentecostalismo é considerado um movimento sectário. Ver: MAFRA (2001, p.67)



referência à Bíblia Sagrada, sempre que necessário ou oportuno, nos mais variados espaços sociais.

Compreendendo a mobilização da Bíblia como parte integrante e característica da identidade evangélica, é que proponho analisar neste trabalho como este livro tem sido mobilizado por alunos, que se identificam como evangélicos, na rede estadual de ensino de São Gonçalo⁴, como um “construtor de verdades”, questionando muitas vezes o conhecimento escolar e a validade de seus conteúdos.

Para tanto, analiso um episódio observado durante o trabalho etnográfico da minha pesquisa de doutorado, na disciplina de História, numa turma de ensino de jovens e adultos, referente ao 7º ano do Ensino Fundamental, na qual esta situação evidenciou-se. Contudo, ressalto que a compreensão das controvérsias ocorridas nesta turma, na qual a Bíblia foi mobilizada pelos envolvidos, deve ser observada a partir do entrelaçar de alguns pontos importantes: 1- a identidade evangélica como sinal de diferenciação positiva nos territórios favelizados; 2- a Batalha Espiritual como uma constante na vida dos adeptos do Neopentecostalismo; 3- a Bíblia utilizada como dois recursos fundamentais dos crentes: como base da identidade evangélica e como escudo para a batalha espiritual cotidiana.

Identidade evangélica: sinal de credibilidade positiva nos territórios de favela

A análise da identidade evangélica nas áreas favelizadas⁵ deve ser pensada a partir da perspectiva da própria definição do termo identidade na atualidade, como a defendida por Hall(2006,p.57), na qual: contém tanto aquilo que escolhemos como aquilo que não escolhemos, assim, aquela parte da vida que não controlamos é fundamental na formação da identidade de um sujeito. Portanto, o termo deve ser visto sob ótica fluída e transitória, ou seja, como não acabada, assim, como também a perspectiva de religiosidade na atualidade, uma vez que também se encaixa nessa fluidez, como defendida por Hervieu-Léger (2012, p.43).

⁴ São Gonçalo é um município brasileiro do estado do Rio de Janeiro, Região Sudeste do país. Localiza-se na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, estando situado a 22 km da capital fluminense.

⁵ Não optei pelo termo comunidade pelo fato dos moradores dessa localidade se identificarem com o uso constante de favela (BIRMAN, 2008, p. 43).



Assim, entender a construção dessa identidade evangélica no atual contexto de favelização (BIRMAN, 2008, p.45), pressupõe o entendimento de que esta identidade religiosa funciona como elemento de distinção entre os moradores dessas localidades, uma vez que, como assinalado por Vital da Cunha, pode ser entendida como um sinal de positividade, garantindo dessa maneira mais oportunidades para os moradores, já que esse sinal pode evocar confiabilidade mediante os demais, seja na hora de pleitear um emprego, ou até mesmo para remediar um conflito cotidiano entre vizinhos.

Hall (2006, p.92) pensando sobre a identidade frisou ser preciso pensar a diferença na atualidade, principalmente em virtude do cenário em que as opções de vida foram multiplicadas e que as pessoas podem possuir diversas alternativas. Assim, o conceito de identidade para este autor, não pressupõe um acabamento, e os indivíduos podem modelar sua identidade pessoal a partir de várias identidades, inclusive combinando e compartilhando diferentes experiências identitárias. A definição da identidade religiosa também participa deste processo.

Araújo (2003, p.22) defende que não é tarefa fácil pensar a religiosidade e a secularização na contemporaneidade, inclusive o próprio termo religião tem sido motivo de debate, tornando-se um dos conceitos mais problemáticos, e por isso a “efervescência religiosa” contemporânea já recebeu diversas definições.

Alguns especialistas, como Prandi (1997, p.29) ou Berger (1997, p.71), afirmam que a religião, além de ser criadora é definidora de sentido. Em outras palavras, os indivíduos em coletividade, num clima de religiosidade, criam um conjunto de valores, sentidos, significados e símbolos que passam a direcionar suas condutas. Dessa forma, podemos perceber fatores em comum entre os indivíduos que compõem um determinado segmento religioso, a partir da adesão e da prática dos ditos “valores”, indicando, portanto, a identidade dos mesmos. Sobre isso, ressalto:

Religiões internalizadas quer pentecostal, espírita ou católica, têm em comum o fato de oferecerem modalidades de orientação de vida para considerável parcela da população brasileira que se vê envolvida em intenso processo de mudança social(...) Estas modalidades religiosas são capazes, cada qual a seu modo, de dar forma e impregnar de sentido um estilo de vida relativamente adequado ao setor que se moderniza na sociedade brasileira (PIERUCCI;PRANDI, p.44).



Em outras palavras, a identidade de um indivíduo também tem a ver com a religiosidade desse sujeito. Segundo Woodward (2000, p.21) pode-se afirmar que em relação à formação das identidades na atualidade, estas são fluídas, marcadas pela pluralidade e pelo movimento religioso que o indivíduo faz ao transitar por diversos grupos. Berger (1997, p. 45) adverte que a situação moderna leva a sistemas abertos de conhecimento, em competição e comunicação entre si, e não a estruturas fechadas, onde um “conhecimento” separatista de grande âmbito possa ser cultivado.

Pelos motivos acima expostos, a religião na contemporaneidade deve ser observada sob a ótica de mais um sistema de conhecimento e orientador de conduta, portanto, assim como a ciência ou o Estado, dentre outras instituições classificadas como laicas, a religião compete na interpretação do mundo e na orientação de conduta.

Araújo(2003, p.11) ainda adverte para o fato de que as religiosidades surgem como uma busca por resultados de um vazio provocado pelas instituições laicas modernas, uma vez que estas tentaram suprir todas as necessidades dos indivíduos, contudo, são incapazes de atender todas as exigências dos mesmos, e é exatamente nesta questão que a religiosidade mostra sua força ou renascimento, uma vez que a mesma supre aquilo que o mundo profano não dá, sendo pois o momento da crise, o instante da conversão, recuperando o sentido da vida.

Portanto, um indivíduo que se diz adepto de determinado movimento religioso, não necessita, no geral, renunciar os bens produzidos na sociedade contemporânea. O indivíduo, pode ser compreendido como um “elo” de uma grande corrente — o universo — no qual suas ações terão consequências para todos e, por isso, um elo rompido poderia significar a quebra dessa corrente. Daí a ação individual ter grande relevância para os sujeitos no mundo.

Hervieu-Léger(2012,p.43) ao tratar do ressurgimento da figura do Diabo nas áreas periféricas da França, concluiu que essa aparição remete-se à experiência cotidiana que os indivíduos fazem da complexidade de um mundo em que eles não encontram mais referências, em que experimentam o sentimento de ser tomados por forças que os transcendem e sobre as quais não têm qualquer influência.

Uma experiência mais traumatizante ainda porque eles vivem em uma sociedade que alimenta ao mesmo tempo os mitos mediatizados do acesso ao bem-estar, à auto realização, à eterna juventude, à segurança(...) A crise



econômica, a desqualificação política e a ausência de perspectivas exasperam as frustrações psicológicas e sociais geradas por esses conflitos. Acreditar no diabo é uma maneira de exteriorizar esse sentimento de impotência identificando, para além do mal-estar pessoal, a ação de um poder maléfico que manipula e o possui. (Hervieu-Léger, 2012, p.33)

Assim, ao tratarmos principalmente de regiões que formam os cinturões de pobreza nas metrópoles brasileiras, devemos estar atentos para os componentes que contribuem para embasar essas identidades, ainda que estejam em constantes mudanças, como nos advertiu Mafra (2001, p.61).

Cabe ressaltar que em contextos de favelas este fenômeno tem se intensificado devido às condições de vida enfrentadas por seus moradores. Neste sentido, Vital da Cunha (2015) ressalta em trabalho etnográfico realizado em Acari, que ser evangélico dentro da favela na atualidade tem possibilitado a livre circulação de seus adeptos por uma região em que os moradores estão em constante monitoramento, tanto pelos grupos armados ou traficantes quanto pela polícia. Assim, a autora destaca que:

Ser evangélico possibilita em determinados contextos, ressignificar fatos e compreender (na perspectiva dos que se associam como evangélicos) que a proteção divina de que dispunham parecia mais forte que qualquer ameaça externa. Mais ainda, ser evangélico permite perceber que mesmo as situações de adversidade e de risco extremo têm ligação com o plano transcendentes e por isto podem ser aceitas como vontade divina, ou repreendidas com a força do nome de Jesus! Assim, os que partilham dessa identidade, integram redes e constroem laços afetivos nesse meio, tem um recurso a mais para lidar com os riscos e vulnerabilidades cotidianas. Sendo assim, se apresentam como “super-homens” a enfrentar o Mal que está na terra, à espreita (VITAL DA CUNHA, 2015, p.414).

Compreendendo que a identidade religiosa é indissociável de outros ramos da vida do sujeito, e que a separação entre religiosidade e laicidade tem sido dificultada, é que busco entender porque os que se definem como evangélicos, nos territórios de pobreza, tendem a mobilizar a “Batalha Espiritual” cotidianamente como uma estratégia de sobrevivência, até mesmo dentro da escola.

Batalha Espiritual: um sinal de força na identidade dos escolhidos por Deus



Muito incentivada por líderes religiosos, dentre os quais os midiáticos como Edir Macedo, R.R. Soares e Silas Malafaia⁶, a “Batalha Espiritual” configura-se na atualidade como um traço marcante na identidade evangélica, devendo ser buscada pelos verdadeiros “soldados de cristo”, ou seja, por aqueles que se auto intitulam como evangélicos. Portanto, estar constantemente preparado para um combate, na visão geral do grupo neopentecostal, distingue aqueles que são verdadeiramente crentes, e conseqüentemente fortes, daqueles que ainda não possuem força ou sabedoria suficientes para esses *fronts*.

A teologia do domínio, muito difundida no território nacional como batalha espiritual, surgiu nos Estados Unidos, em 1989, através da figura de Peter Wagner⁷, que junto a outros líderes formaram a rede de guerra espiritual, na qual acreditavam que a prática do evangelismo, teria um melhor resultado utilizando-se de orações acreditando que a prática do evangelismo teria um melhor resultado utilizando-se de orações forte.

Essa perspectiva ganhou rapidamente adeptos brasileiros, destacando-se os neopentecostais. Em linhas gerais, essa teologia tem por base a luta do cristão contra o Diabo, nas suas mais variadas categorias: demônios específicos, espíritos territoriais e hereditários⁸.

Para essa corrente, os demônios têm o domínio sobre os indivíduos que são pertencentes a esses grupos sociais, podendo exercer vibrações ruins nos territórios nos quais há uma reunião ou até mesmo uma única presença de um deles, como igrejas, terreiros e centros. Desta forma, a libertação desses espíritos maus só pode ser conquistada através da oração, que muitas vezes pode resultar em “agressões físicas”, tanto aos patrimônios quanto a seus membros.

Pelos princípios dessa teologia, Peter Wagner⁹ estabeleceu que “as coisas naturais provêm das sobrenaturais, as visíveis, das invisíveis”. Por isso, estar alerta é um pressuposto básico para o verdadeiro evangélico, que ao utilizar-se da oração e do jargão

⁶ Edir Macedo, fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus. Silas Malafaia líder e fundador da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Vitória em Cristo (Mafra, 2001, p.22)

⁷ Charles Peter Wagner (1930 -2016) foi um teólogo estado-unidense, nascido de uma família anglicana. Foi ele que criou o termo "Terceira Onda" para se referir às igrejas neopentecostais. (Mafra, 2001, p.55)

⁸ Para cada problema enfrentado teríamos um tipo de demônio, ou seja, para a pedofilia, o demônio da pedofilia, por exemplo. Já os espíritos territoriais seriam os lugares que sofrem de mau presságio, pela presença dos demônios e os demônios hereditários, seriam passados de formas geracionais. Assim, se uma avó tivesse pertencido à uma religião afro-brasileira, seus netos poderiam carregar a maldição hereditária. (Berger, 1997, p.43)

⁹ Wagner, 1987, p. 200



pentecostal, como ‘tá amarrado’ ou ‘queima senhor’, estaria combatendo aquilo que não está sendo visto pelos olhos físicos, mas através dos olhos da fé, uma vez que as coisas seriam explicadas pelos espíritos, que podem ser bons ou maus. Desta maneira, o missionário explicava que um homicídio, seria causado por um ‘espírito de homicídio’, a pobreza, pelo ‘espírito da pobreza’, assim como todas as ocorrências na vida terrena.

Neste sentido, o Neopentecostalismo fez ressurgir a figura histórica do Demônio, dentro do pentecostalismo brasileiro. Assim, os membros dessas igrejas devem possuir conhecimentos que sejam capazes de possibilitar enxergar a “batalha com o inimigo” através dos olhos da fé. Dentre os métodos de guerra utilizados por esse grupo religioso, podemos citar: mapeamento espiritual, oração de guerra, quebra de maldição, hereditariedade, maldições em objetos e em lugares, o poder das palavras, a feitiçaria, espíritos familiares, árvore genealógica, entre outros.

Por esta visão, todas as ocorrências, como guerras, injustiça social e a desigualdade tem explicações de cunho espiritual, e, portanto, podem e devem ser combatidas pela via espiritual. Desta forma, a expulsão e a negação desses espíritos fazem parte dessa purificação. Para seus líderes, como Soares, é necessário estar em constante vigília, pois tais espíritos disfarçam-se de coisas boas para fazer o mal (Soares, 1994, p.34). Portanto, o Diabo pode utilizar-se de muitas táticas para infiltrar na vida dos crentes, uma vez que pode entrar quase despercebido e avançar à medida que não é identificado.

Para estar alerta, é preciso que o crente se utilize de duas armas poderosas: a oração e o conhecimento da palavra de Deus, através dos ensinamentos da Bíblia Sagrada, uma vez que esta é a voz de Deus, ou seja, a receita infalível para a salvação do mundo, através da evangelização. Para pautar suas ideias, os teólogos defensores dessa corrente utilizam-se de diferentes trechos da Bíblia para fundamentar e dar credibilidade às suas ideias, principalmente através do uso recorrente do Antigo Testamento, caracterizado por um Deus de Guerra e vingativo, diferenciando-se das boas novas apresentadas pelo Novo Testamento.

Assim, cabe ao verdadeiro crente estar atento para não dar brechas ao Diabo, visto que essas aberturas acabam por dar autoridade legal para o diabo agir contra os filhos de Deus. Desta maneira, este pensamento é uma constante na vida dos evangélicos pentecostais, com destaque para os neopentecostais, nas quais as orações por proteções e



o ato místico de vestir as armaduras de Deus, na qual a Bíblia é vista duplamente como espada e escudo, são pré-condições para enfrentamento diário.

Bíblia Sagrada: escudo e espada da fé

A Bíblia destaca-se desde a Reforma Protestante, ocorrida no século XVI, tanto pela livre interpretação, quanto pelos diferentes estilos que a mesma tem sido publicada desde então. Atualmente há um leque de modelos desse livro para os diversos públicos: jovens, crianças, mulheres, adolescentes, teólogos, sacerdotes, e até a versão para *smartphone*. Em cada versão, podemos encontrar enfoques em pontos considerados importantes para o público a que se dedica.

Embora haja muitas opções de versões desse livro, alguns teólogos (PADARO, 2017, p.111) têm destacado que mesmo com este aumento aliado a ampliação dos cursos teológicos que surgiram nos últimos anos, e que são legalmente reconhecidos, a Bíblia não tem sido lida, em sua integridade pelos evangélicos.

Dessa maneira, este livro é visto como componente de uma indumentária evangélica, na qual os fiéis utilizam-se quase sempre de pequenos trechos, ou versículos, descontextualizados, que por vezes são mencionados por alguns líderes religiosos, no caso, os pastores em seus sermões ou pregações ou mesmo em postagens em redes sociais, como o *twitter* que não envolvem o estudo aprofundado desse livro, mas é citado ou mobilizado para fundamentar uma discussão política. De acordo com alguns teólogos (SPROUL, 2017, p.65) este fator tem contribuído para limitar o processo de “livre interpretação” para o qual se prestou a Reforma Protestante.

Assim, utilizando-se de alguns trechos, determinados líderes têm feito deste livro um escudo no processo de perpetuação de determinados preconceitos em nossa sociedade, nas quais, por diversas vezes podemos identificar falas ou opiniões racistas, machistas, homofóbicas e anticientíficas, nos mais variados canais de comunicação, tanto nos espaços dos cultos, nos programas televisionados, nas rádios e nas redes sociais.

Fato é que parte significativa desses discursos, que no geral são proferidos nos espaços religiosos, no caso, as igrejas, acabam por estimular este livro enquanto única fonte histórica a ser validada pelo segmento religioso, colocando em xeque a ciência e sua validação nas salas de aula das escolas brasileiras.



Destaco ainda que, muitos políticos têm defendido a utilização deste livro como fonte de estudo, não sendo algo limitado ao atual governo. Em relação ao estado do Rio de Janeiro, a ex-governadora, Rosinha Garotinho, em 2006, já havia exposto sua preferência pelas aulas de religião, com ênfase para o cristianismo durante seu mandato, alegando a necessidade de excluir o “evolucionismo” dos currículos escolares, inclusive, externando sua vontade em levar a Bíblia para a sala de aula.

Assim, a evocação deste livro como construtor de verdades, tem aparecido nas escolas, muito por conta do estímulo contínuo dos líderes religiosos, levando a uma série de debates entre docentes e discentes em diferentes disciplinas.

Controvérsias religiosas nas aulas de história

Neste parte do trabalho analiso uma controvérsia, ocorrida nas aulas da disciplina de História, na qual, a Bíblia Sagrada foi mobilizada por alguns estudantes, que se identificavam como evangélicos, afim de fundamentar suas rejeições cognitivas aos conteúdos que estavam sendo ensinados, numa turma de 7º ano do ensino fundamental, na modalidade de Jovens e Adultos de uma escola localizada no segundo distrito do município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro.

Como controvérsia, utilizo a definição de Montero, na qual esta pode ser vista sob a ideia de uma disputa, em que a questão de opinião sobre a qual as partes podem discordar ativamente, através de argumentos ou debates, variando entre disputas privadas, entre dois indivíduos ou mesmo mobilizando setores sociais mais amplos, podendo chegar a acordos ou rupturas totais entre os envolvidos (MONTERO, 2015, p.44).

A pesquisa etnográfica foi realizada durante o segundo semestre de 2019, e se debruçou sobre duas escolas, localizadas dentro de um bairro de São Gonçalo, que neste trabalho receberá o nome fictício de Risca Faca¹⁰. Nestas unidades escolares, realizei trabalho de campo, intercalando observação participante, entrevistas (com docentes e discentes) e diário, objetivando compreender a recepção dos alunos ao currículo de

¹⁰ Seguindo as prerrogativas do Comitê de Ética, da Plataforma Brasil, a identidade das escolas, dos alunos e dos professores serão mantidas em sigilo e por isso utilizo-me de nomes fictícios. Ressalto, que durante o trabalho de campo, muitos alunos, utilizavam o nome Risca Faca, como referência para o território em que residem, no qual também estão localizadas as escolas. Quando indagados sobre o porquê deste nome, alguns discentes alegaram estar relacionado ao grande número de nordestinos que habitam a localidade. Seria dessa maneira uma categoria nativa de classificação genérica para os oriundos do nordeste brasileiro.



História da África praticados na disciplina de História. Para tanto, acompanhei um total de 6 turmas. Respectivamente, no Ensino Fundamental, duas turmas de 6º ano, duas de 7º ano (uma na categoria regular e outra de jovens e adultos) e duas turmas de 1ª série do Ensino Médio¹¹.

Enfatizo que as Unidades Escolares analisadas estão localizadas em meio a um território favelizado, neste caso conhecido como “Risca Faca”, marcado pelos problemas que afetam diversos outros lugares periféricos do Brasil, como relatado por uma aluna em entrevista, quando estimulada a caracterizar o território e seus moradores, fez a seguinte descrição:

As pessoas aqui do Risca são geral boas, tem umas fofoqueiras, mas todo lugar tem. Mas aqui tem muito nordestino, que é um povo que trabalha, que corre atrás mesmo. (...) O governo não olha pros pobres, não faz melhoria, asfalto, posto de saúde com remédio, essas coisas(...) O nosso problema maior é quando chega a polícia, porque aí tem muito tiro. Os meninos da boca são conhecidos, então eles respeitam nós. Agora a polícia não quer saber de morador!¹²

A controvérsia em análise ocorreu durante as aulas que se destinavam a elaboração do “Projeto Consciência Negra”, no qual um grupo de três jovens (dois meninos e uma menina, entre 15 e 17 anos), A controvérsia em análise ocorreu durante as aulas que se destinavam à elaboração do “Projeto Consciência Negra”. Um grupo de três jovens (dois meninos e uma menina, entre 15 e 17 anos), de acordo com o professor, exercia influência sobre a turma composta por 34 alunos. O grupo mostrou por diversas vezes seu descontentamento com o que estava sendo tratado em sala de aula, e argumentava suas rejeições com versículos bíblicos, buscando dessa forma enfrentar o que estava sendo ensinado, sob a alegação de que eram evangélicos desde o nascimento, sendo um dos componentes filho de pastor, e por isso tinham domínio sob o livro. Ou seja, aqui teríamos o que Hervieu-Léger (2012, p.25) classificou como a conversão do convertido, em que o

¹¹ Importante frisar que a opção pelas séries se deu em função da disponibilidade dos respectivos docentes em aceitar a minha presença em suas aulas. Desta maneira, acompanhei respectivamente 4 professores de História. Destaco que acompanhei tanto aulas que se voltavam tanto para os conteúdos de História da África, quanto as que se destinavam aos demais componentes curriculares sob o critério de comparação entre as aulas.

¹² As entrevistas foram transcritas tal como foram ditas ou pronunciadas pelos envolvidos, uma vez que na minha perspectiva podem contribuir para melhor caracterização do grupo em análise.



sujeito permanece na mesma religião dos seus familiares, mas fazendo sua releitura da mesma, fato que caracteriza a religiosidade na modernidade.

Ao observar as aulas de história na referida turma, ocorridas no turno da manhã, notei algumas atitudes tomadas por parte dos alunos que se identificavam como “evangélicos” e que se posicionavam sempre mobilizando a Bíblia como referência de fonte histórica como credibilidade para tratar de determinados assuntos.

O episódio que orienta essa análise, ocorreu no 4º bimestre de 2019, período letivo no qual os professores da referida escola estavam engajados em realizar o projeto “Consciência Negra”, em virtude do dia 20 de novembro¹³. A fim de realizar uma proposta pedagógica sobre o tema, o professor da turma optou por utilizar o filme “Besouro” como ferramenta pedagógica. Este filme trata da marginalização sofrida pela capoeira na sociedade brasileira. Importante frisar que em questionário prévio aplicado à turma, auxiliada pelo professor em questão, pude checar que na turma de 34 alunos, 18 alunos identificaram-se como evangélicos e 5 alunos declararam frequentar cultos semanais ainda que não se identificassem como evangélicos. Fato é que por diversas razões, estes alunos, alegavam ter nas igrejas um espaço de “sociabilidade seguro” quando o assunto é lazer na favela.

Assim, saliento que é importante frisar que a vida na favela apresenta poucos recursos de lazer, principalmente proporcionado pelo Estado e que muitas vezes essas igrejas alcançam espaços e lugares onde o Estado não chega, por isso, ganham respeito por parte de muitos moradores, principalmente pais, que segundo Birman (2008, p.56), se vêem na necessidade de sair da favela para trabalhar em áreas nobres das grandes metrópoles relegando, na maior parte das vezes, os cuidados de seus filhos aos vizinhos e aos irmãos da Igreja, que dessa forma, buscam monitorar tais jovens.

O professor iniciou a aula falando sobre a importância da conscientização e da valorização da cultura afro-brasileira. Seu discurso foi interrompido por diversas vezes com brincadeiras de cunho racista, que mesmo sobre a tentativa de regulamentação do professor, continuava acontecendo entre determinados grupos que compunham a sala de aula, como podemos ver no seguinte trecho:

¹³ A lei 10.639-03, posteriormente transformada em 11.645-08, determina a obrigatoriedade do ensino de História da África e indígena na educação básica brasileira. Objetivando uma educação antirracista, tornou obrigatório também a comemoração de 20 de novembro, como o dia da Consciência Negra, em que as desigualdades raciais em nossa sociedade sejam trabalhadas no âmbito escolar.



P: Gente, estamos nos aproximando do dia 20 de novembro, e todos vocês já sabem que teremos o projeto da Consciência Negra, que é muito importante pra gente construir nossas identidades, que juntas formam o Brasil. Então, nós iremos tratar disso nesse último bimestre e esse trabalho vai ser muito importante pra gente recuperar as notas. (...). Então, como disse, trataremos da herança afro-brasileira em nossa sociedade. (...)

Breno: Aí professor, vamos comemorar o dia de Jonatas!

P: Breno, dá um tempo. O assunto é sério e você está debochando...

(...)

P: Agora, nós iremos para o auditório para assistirmos o filme Besouro, e vocês tem que prestar a atenção pra depois a gente fazer um debate. Então, vocês podem ir anotando tudo o que for interessante para o nosso debate, que vai ser em dupla, OK!?

(...)

João: Bora lá ver a família de Jonatas e Maria Fernanda. Vamos falar só dos pretos agora! (Risos)

(..)

Como podemos observar nesta parte da aula, os alunos estavam interessados em “zoar”(no Rio de Janeiro, esta ação pode ser definida como falar algo para fazer rir; caçoar de algo ou de alguém) os que consideravam os verdadeiros negros da sala de aula, pouco importando-se com o discurso proferido pelo professor. A transcrição desse trecho foi escolhida para situar o leitor dentro do ambiente em que ocorreu essa observação. Fato é que após uma nova tentativa de controle da turma sobre as gozações, mesmo que sem sucesso, o professor e a turma se dirigiram para o auditório e o filme foi iniciado, ainda sob ainda sob ataques depreciativos dirigidos às características físicas dos negros que envolviam as características físicas dos negros.

Em meio às ridicularizações, uma cena do filme que envolvia rituais em torno da ancestralidade, chamou a atenção dos que até então estavam preocupados em gozar da “negritude”. Rapidamente, o deboche dirigiu-se a um aluno que era considerado branco, mas era adepto de religião afro-brasileira, como podemos ver no trecho a seguir:

Breno: Olha lá a macumba. Aí, Gabriel, seus batuques brabos, macumbeiro safado

(...)

Gabriel: Me deixa em paz! (...)

P: Gente, parei o filme aqui porque não está dando! Vamos respeitar! Essa situação aqui está caótica. Vocês têm que fazer um trabalho, tem um monte de gente com nota pendurada e vocês estão brincando. Poxa, trago um filme pra fazer uma aula diferente e dá nisso! Posso continuar? Além de nota bimestral, o filme é para conscientizar vocês. Nossa sociedade é uma mistura de três raças, como já falei algumas vezes. Quem é meu aluno desde o ano passado já sabe sobre isso. Todos nós temos uma mistura dentro da gente. E nós temos



que valorizar isso. Nós viemos da África. A humanidade nasceu na África. E temos que saber sobre todas as lutas que existiram pra gente chegar até aqui. Isso é importante pra caramba. Foram muitas formas de resistência contra o senhor, e a capoeira faz parte disso. Então agora, sem blábláblá! Vamos continuar!

(Silêncio)

Mariana: Professor, eu não quero ficar vendo macumba não! Eu vim pra aula pra estudar, não pra ficar vendo macumba! Passa outro trabalho pra mim. Quero terminar de ver isso não. Isso aí é muito carregado.

(...)

Breno: Isso aí Mariana! Essa macumba braba aí não dá não!

P: Gente, qual é o problema? Não estou ensinando religião a ninguém. Só estou mostrando coisas que fazem parte da nossa cultura. Vamos terminar de ver e a gente faz um debate depois. Agora, ninguém vai sair de sala! Ouviram? A aula não acabou! Quero todo mundo prestando atenção! Isso é matéria! É currículo escolar! E eu tô dando a vocês a chance de recuperar a nota com essa matéria, que além de importante é bem fácil, pois será um debate. Ninguém vai dar essa chance! Vamos lá!

O filme prosseguiu ainda em meio às provocações e brincadeiras e o debate ficou para a aula seguinte, uma vez que seu início foi demorado e o mesmo fora interrompido por diversas vezes. Na aula posterior ao filme, o professor iniciou tentando fazer com que os alunos relembressem questões e cenas que foram vistas na aula do dia anterior.

Alguns alunos falaram da capoeira e de como esta foi perseguida, que era então o cerne do filme. Em meio às lembranças, a aluna Mariana resolveu tocar novamente na questão da religiosidade afro-brasileira, mostrando-se insatisfeita por ter sido, segundo ela, obrigada a assistir tal cena. A aluna então evocou seu pertencimento religioso e seu ideal.

Mariana: Professor, o senhor me desculpa, mas eu sou evangélica e não gosto de ver essas macumbas não...porque isso é o maior pecado. Essa religião escura traz coisas ruins para a nossa vida. Está na Bíblia! E eu ando com a minha sempre, onde eu for, minha palavra tá na mochila.

P: Mariana, eu te respeito. Mas não estou obrigando ninguém a ter outra religião. Nós temos que ter tolerância. É preciso respeitar a todos!

Mariana: Professor, eu respeito, mas não quero ver macumba. Não sou obrigada. Na Bíblia diz que: "Quando a gente entra na presença do senhor, na terra que o Senhor Deus, a gente não deve imitar as coisas repugnantes que as nações de lá praticam. (...) A Bíblia condena o sacrifício, a adivinhação, a feitiçaria, as pessoas que recebem os espíritos diabólicos. E Deus castiga os que fazem isso. A gente tem que estar purificado na presença do senhor. E esse filme só mostrou um monte de coisa que a Bíblia condena, e por sua causa, tive que ficar vendo isso. Tudo isso tá nas escrituras sagradas, no livro de Deuteronômio!!!

(...)

P: Nossa Mariana! Está afiada mesmo! Você está confundindo as coisas e desrespeitando os outros. Aqui tem um monte de gente que também não



concorda com a sua religião, que não acredita, mas que respeita, porque escola é lugar de respeito e de tolerância com todos!

(...)

Mariana: Eu respeito meus colegas. Gabriel tem a religião dele e eu até falo com ele. Não é, Gabriel?! Mas isso, de ser obrigada a ver macumba eu não concordo. Eu conversei com o meu pai sobre esse filme. Ele disse que eu tô certa. Que o crente de verdade não pode deixar se contaminar por essas armadilhas do diabo. Meu pai é pastor. Ele me mostrou que a Bíblia condena isso, e eu não vou para o inferno por causa da escola.

(...)

A turma agitou-se e o debate seguiu até o final da aula. Mariana foi apoiada pelos outros alunos da classe, principalmente por mais dois meninos que demonstravam com veemência suas identidades evangélicas e o total desagrado com a escolha feita pelo professor. Por mais que o professor tentasse contornar a situação, a discussão entre os alunos se agravava. Mariana, com mais dois alunos se dirigiram, ao final da aula à direção da escola para reclamar do “tipo de aula” que o professor estava dando.

No mesmo dia, encontrei o grupo de alunos no corredor da direção, e parei para conversar com eles sobre o que estava incomodando os mesmos. Em conversa informal, Mariana deixou evidente que o que mais deixou ela aborrecida foi o fato de o professor obrigá-la a assistir ao filme. Nas palavras da aluna, “o professor tinha que passar outro trabalho pra quem não quisesse ver aquilo”. Na visão de Mariana, o professor errou quando levou a religião dele para sala de aula, já que ninguém leva. Ela mesmo não ficava pregando a palavra para nenhum professor em sala de aula. Só falava de Jesus com os colegas, na hora do intervalo, mas que o professor não estava a respeitando.

Quando indaguei o motivo de ter ido à direção, Mariana foi enfática ao dizer que o professor havia desrespeitado a maioria dos alunos e que a direção deveria resolver isso com ele a maioria dos alunos. E que a direção deveria resolver isso com ele.

Na semana seguinte, a direção fez uma reunião com a turma, durante o horário da aula do professor buscando amenizar a situação e mostrar que a atitude didática do professor estava correta, uma vez que na escola, segundo as palavras da diretora, “deveríamos tratar e compreender as diversas culturas, principalmente, aquelas que formam o Brasil. Em meio ao discurso, Mariana pediu a palavra:

Mariana: Diretora, a senhora também é evangélica. Conhece a verdade, na Bíblia. Deus condena todas essas atitudes. A Bíblia condena a idolatria e a



feiticeira, as adivinhações, a embriaguez. Todos que fizerem isso, ou que concordarem não herdarão o reino dos céus.

(...)

Quando disserem pra gente procurar alguém que consulte os espíritos, a gente, como crente tem que falar dos mandamentos do Senhor, senão não veremos a luz de Deus na terra. Isso tá na Bíblia. A senhora como cristã sabe muito bem disso. Já deve ter lido os dez mandamentos, que condena ao inferno essas coisas de candomblé, que mata os animais e bebe o sangue do diabo.

Diretora: Mariana, eu sou evangélica como todo mundo aqui sabe. Mas como cristã, eu respeito todo mundo. E você, como cristã, deveria respeitar também porque a Bíblia ensina o respeito e diz também: Amai o próximo como a ti mesmo. E você não está fazendo isso! (...)

Como podemos identificar nesse trecho, a Bíblia foi mobilizada tanto pela aluna, quanto pela direção como fonte histórica, de veracidade reconhecida, como fonte de aspectos morais a serem divulgados socialmente. Dessa maneira, o livro era fonte de legitimidade sobre as condutas a serem adotadas pelos que se identificam como evangélicos. Ou seja, para a aluna a Bíblia não é apenas única fonte de veracidade. E a direção, na tentativa de argumentar, se utilizou também da Bíblia para “mostrar a verdade” para a aluna, dentro da própria ideia de que este livro carrega a verdade. Em nenhum momento foi acionado a Constituição ou o direito e a garantia da diversidade na sociedade brasileira. Assim, o debate seguiu como uma controvérsia, em torno da interpretação do livro. Esse fato, vem mostrar como os espaços públicos, que teoricamente deveriam ser laicos, estão cercados pela religiosidade, revelando como a religião tornou-se uma “filosofia de vida”, tal como apontado por Hervieu-Léger (2012, p.65).

A direção da escola optou por convocar os pais dos três alunos para conversar e esclarecer a situação vigente. Sem muito sucesso em suas argumentações, o pai da referida aluna, que é pastor de uma igreja da localidade, a qual alguns alunos da escola frequentam semanalmente, não se mostrou muito satisfeito com as aulas do professor. Alegou, segundo as palavras da diretora, que considerava importante tratar da consciência negra na escola. Que tinha muito preconceito na sociedade brasileira. Que ele mesmo já tinha sofrido racismo. Porém, argumentava, segundo a diretora da unidade escolar, que mostrar aquelas religiões não era uma coisa de escola, e que não deveria ser obrigatório. Encerrou seu discurso alegando que embora não concordasse com os meios do professor dar aula, obrigaria sua filha a pedir desculpas perante a turma. E que a direção não teria



mais problemas com sua filha, pois estaria retirando a aluna daquela unidade escolar no ano letivo posterior.

O pai ainda deixou evidente para a equipe pedagógica que estava contente com o fato de sua filha estar tendo discernimento, e que tal atitude, de combate ao inimigo, poderia render a mesma “muitas bênçãos”, uma vez que esta é a vontade de Deus mediante a Batalha espiritual.

Este evento está relacionado à teologia do domínio que, de acordo com alguns teólogos, é caracterizada pela ideia de que o crente, antes da volta de Cristo terá domínio sob cada área de sua vida. Assim, cabe a cada cristão reclamar a Terra para o direcionamento de Deus, e isso está para além dos aspectos religiosos, estendendo-se também às áreas sociais, políticas e econômicas.

Como alguns evangélicos acreditam estar vivenciando o reino celeste na terra, esta parte da teologia considera importante estar em todas as esferas da vida em sociedade, e por isso, alguns grupos radicalizam o processo de evangelização e conseqüentemente negam tudo aquilo que na visão do grupo está relacionado ao diabo, logo devem estar em constante batalha, uma vez que essa batalha não é humana, mas espiritual.

A atitude do grupo de alunos, apoiadas pelo pastor, que é o líder religioso daquele grupo, tende a ser vista como a verdadeira característica que identifica os evangélicos, ou seja, “levar a palavra”! Macedo (p.11), em seu *best-seller*, *Orixás, caboclos e guias*, evidencia a necessidade de o evangélico estar sempre pronto para o combate, em todas as oportunidades, utilizando sempre a Bíblia como escudo contra o que consideram mal. Este líder, propõe que o verdadeiro crente deve deixar de lado a postura do evangelho “água com açúcar” (a expressão significa uma espécie de romantismo ingênuo) e partir para a sua verdadeira missão, que é salvar almas.

A atitude desta aluna e do seu pai pode ser mobilizada como um dos indícios da conjuntura da nossa sociedade atual, na qual os evangélicos têm crescido de maneira vertiginosa. Através do estímulo de seus líderes, os fiéis tem partido para a batalha espiritual, que muitas vezes, transformam-se em verdadeiras agressões físicas, como temos assistido no Rio de Janeiro nos últimos anos, em que terreiros de religiões afro-brasileiras, juntamente com seus adeptos, tem sofrido ataques, por vezes promovidos por traficantes que se intitulam como evangélicos.



Como podemos observar, a Bíblia Sagrada foi mobilizada como instrumento digno de veracidade científica e de credibilidade para contestar a proposta didática trazida pelo professor, como algo importante para tratar do dia da “Consciência Negra”. E a mobilização do dito grupo de alunos está fundamentada dentro da ideia defendida por Hervieu-Léger (2012, p.37) na qual a religiosidade está cada vez mais frequente na vida das pessoas, uma vez que tem se tornado uma “filosofia de vida”.

Considerações Finais

Neste sentido, trago para uma reflexão a questão da relação entre o jovem, morador de favela na região metropolitana, na qual temos vários problemas de ordem ontológica, e suas opções de sobrevivência neste meio. Não estou preocupada em analisar a aula do professor, seus recursos didáticos, ou as formas de contornar a situação, pois isto extrapolaria os limites requeridos por um artigo. Mas preocupo-me em trazer uma questão importante: pensar a relação entre o jovem, morador de favela e a sua identidade evangélica, que não pode ser vista de forma homogeneizante, uma vez que carrega diferentes categorias e muitas divisões denominacionais entre as igrejas, históricas ou pentecostais. que pode ser mobilizada sob o designo da positividade.

Dessa maneira, em meio ao cenário anti-intelectual que tem se construído nos últimos anos, que os meios de sobrevivência desses jovens sejam repensados sob outras esferas, uma vez que podemos ver como muitos de seus líderes, que são conscientes dessa fragilidade da vida na periferia, utilizam-se de discursos salvadores, mobilizando os mesmos jovens para defender sua identidade evangélica, tão primordial nessas zonas habitacionais, ainda que seja sob a forma de ataque às demais religiões.

Considero importante entender a lógica construtiva da identidade evangélica, principalmente nos territórios de favela, uma vez que de acordo com os dados do IBGE, o Brasil está se tornando um país evangélico, no qual o grupo passou a reivindicar sua presença nos mais variados setores. Por isso, compreender o tipo de jovem que tem chegado às escolas públicas nessas áreas é primordial para traçar estratégias pedagógicas menos desgastantes e mais eficientes.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Odair José Torres. **Secularização e efervescência religiosa**: contrastes da modernidade. In: XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Unicamp, Campinas, SP, GT: Religião e Sociedade, 2003.

BERGER, Peter. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1997.

BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: SILVA, Luiz Antônio Machado (Org). **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido**. A religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2012.

MACEDO, EDIR. **Orixás, caboclos e guias**. Anjos ou demônios? Rio de Janeiro, Universal produções, 1987.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PADARO, Antônio. Os grandes desafios da comunicação digital. Prefácio IN: SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez Rede**. Religiosidade em construção no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

PRANDI, Reginaldo. A religião no planeta global. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOARES, R.R. **Ganhar Almas**. Rio de Janeiro, Graça Editorial, 1994.

SPROUL. R.C.. **Somos todos teólogos**. Rio de Janeiro. Editora Fiel, 2017.

VITAL DA CUNHA, Christina. **Oração de Traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garland, 2015.

WAGNER, Peter. **Orando com poder**. São Paulo, ABBA, 1987.

WOODWARD, Kenneth L. **O Livro dos Milagres**: o Significado dos milagres no cristianismo, no judaísmo, no budismo, no hinduísmo e no islamismo. Tradução de Maria Cláudia Lopes. São Paulo: Mandarim, 2000